

## O surgimento do conceito “corpo”: implicações da modernidade e do individualismo

*Diego Rocha Medeiros Cavalcanti\**

**Resumo:** Este artigo discute o surgimento do conceito *Corpo e as* implicações que a modernidade e o individualismo impõe sobre a forma como nos apropriamos e representamos o nosso corpo.

**Palavras-chave:** corpo; modernidade; individualismo

O estudo sobre o corpo e os vários usos que fazemos dele é importante porque ele é o espaço físico onde está circunscrito o indivíduo moderno. É importante lembrar que o *corpo* é construído historicamente, e sendo construído historicamente podemos localizar bem o significado ou a percepção do que vem a ser corpo para cada época ou ao longo da história. “(...) O corpo humano é socialmente concebido e a análise da representação social do corpo oferece umas das numerosas vias de acesso a estrutura de uma sociedade particular” (Rodrigues, 1979: 44). Curioso é perceber que o corpo em si é universal, todos os animais possuem uma entidade orgânica que os caracterizam. Mas a percepção ou interpretação do que seja o corpo é bem subjetiva ou individual e com respostas bem localizadas culturalmente.

Iniciaremos esta análise com a definição do que vem a ser o corpo. O que é corpo? Segundo a definição do Magno Dicionário, corpo é: “*unidade orgânica ou inorgânica que ocupa lugar no espaço. Parte material do ser em oposição ao seu animu*”. Ora, nesta

---

Aluno concluinte do Curso de Ciências Sociais da UFPB. ([diegomascote@bol.com.br](mailto:diegomascote@bol.com.br))

definição podemos perceber resquícios da filosofia cartesiana fortemente arraigada na percepção ocidental-moderno-burguesa, e herdeira de valores iluministas, onde a dualidade se impõe dividindo o indivíduo em dois, a saber, corpo-mente. *Parte material do ser em oposição ao seu animus.*

*Nesta definição,* então, o corpo é visto somente como um ente físico delimitado sob a pele, que parece ser a última fronteira do indivíduo. Indivíduo esse inventado por valores iluministas que nascem com a modernidade. Modernidade essa que funda um discurso científico e se legitima por esse discurso. Tal discurso cada vez mais distante de influências religiosas. Então, nessa perspectiva, que podemos chamar de uma perspectiva moderna, o corpo e o indivíduo estão circunscritos à pele.

Segundo Le Breton: “El individualismo inventa el cuerpo al mismo tiempo que al individuo” (Le Breton, 1995: 153). A moderna concepção de individualismo é herdeira dos valores iluministas. Isso é uma concepção moderna, no sentido de uma percepção pequeno-burguesa que se fortalece no início da revolução industrial e da ascensão do Estado-nação, das conseqüentes necessidades de urbanização que o crescimento das cidades impôs e do declínio de valores medievais. Toda a concepção de corpo da Idade Media muda com a ascensão do capitalismo e as conseqüentes necessidades que os novos valores (espírito de uma época) revelam. Após a Idade Media o corpo é dessacralizado, ou seja, já não é mais algo proibido de se manipular. Com a ascensão de uma ciência positiva separada de valores religiosos e do espaço da moralidade, o corpo passa a ser objeto de estudo de algumas ciências, principalmente a medicina, que dá um salto muito grande em matéria de conhecimento sobre o corpo a partir do momento em que os estudos de anatomia foram sendo ampliados, como conseqüência dessa dessacralização, um movimento para dentro do corpo se inicia no sentido de que ele passa a ser objeto, e como tal passível de estudos e intervenções que

possibilitaram a produção, compilação e a posterior aplicação de um maior conhecimento sobre si.

A apropriação e aplicação destes conhecimentos são percebidas dentro da história moderna, segundo Foucault:

... o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política (Foucault, 1979: 80).

Para Foucault, o surgimento do corpo enquanto objeto científico é expoente das implicações do capitalismo na nova percepção de como nos vemos e como somos vistos. Há uma mudança de um sistema sócio-econômico-cultural, o feudalismo, baseado em valores extremamente arraigados a uma percepção religiosa ou divina das coisas. Pois bem, esse modelo socioeconômico foi ultrapassado por um novo modelo, o capitalismo, que tem suas práticas e valores assentados em um mundo totalmente racional e instrumental, onde a figura da religião já não tem muita legitimidade dentro do discurso científico, racional e moderno. A partir da ascensão do capitalismo e, conseqüentemente, da modernidade todas as implicações culturais decorrentes dessa nova forma de se organizar social e culturalmente passa a ter agora uma nova forma de percepção do corpo, assentada em novos valores e novas ideologias.

Já foi dito que o capitalismo revolucionou a forma com que o corpo era percebido, e como emergiu como um objeto de análise científica. Pois bem. Uma nova forma de lidar com o corpo tem implicações várias no cotidiano das pessoas, por exemplo, Foucault demonstra que o "surgimento" do corpo e o controle da sexualidade fazem parte do mesmo processo de desencantamento do corpo e do mundo. De repente, não mais que de repente, no século XVIII a preocupação com a masturbação juvenil surge.

Repentinamente surge um pânico: os jovens se masturbam. Em nome do medo foi instaurado sobre o corpo das crianças - através das

famílias, mas sem que elas fossem a origem - uma objetivação da sexualidade com uma perseguição dos corpos (Foucault, 1979: 146).

O surgimento do corpo vem acompanhado logo de uma perspectiva de controle através da repressão e punição. Movimento análogo percebido por Marcuse e Foucault no século XX, a partir das descobertas de Freud sobre a sexualidade. Só que no século XX a controle se dá via o hedonismo, a percepção de que o controle agora não é mais exercido via repressão sexual, mas pelo contrário, pela liberalização da sexualidade, pelo prazer, ou nas palavras de Marcuse, *dessublimação repressiva*. “Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle repressão, mas de controle estimulação, fique nu, mas seja magro, bonito e bronzeado!” (Foucault, 1979: 147). Todo o movimento da modernidade e principalmente do século XX no sentido da busca por um corpo perfeito, corpolatria, pode ser entendido como ideologia e como tal produz um tipo específico de alienação. Por exemplo, o narcisismo moderno é uma forma de percepção do corpo alienada e ideológica. Le Breton segue no mesmo caminho de Foucault e Marcuse ao tratar dessas formas ideológicas de percepção do corpo, “el narcisismo de la modernidad es, en primer término, un discurso, una de las piedras angulares de las mitologías actuales (...) el narcisismo moderno es una ideología del cuerpo” (Le Breton, 1995: 165). E esses valores tão propagados na modernidade em relação ao Corpo funcionam como uma ferramenta de controle dos indivíduos.

De lugar de la soberania se transformó em herramienta de control social no manipulado (?por quien?) sino ‘libremente’ elegido en la gravedad de un ambiente social, en un momento dado, que hace converger las elecciones de los sujetos hacia prácticas, objetos, discursos, idénticos. Cada uno sigue el impulso de su juego interno como el ejercicio de una libertad cuando, em realidade, se pliega las conminaciones de un campo social cuyo impacto sobre si mismo se desconoce (Le Breton, 1995: 166-67).

O desenvolvimento da ciência no século XX, principalmente a biologia, genética e a medicina tiveram profundas implicações no redimensionamento da categoria corpo e da categoria estética. A

revolução estética e o desenvolvimento de novas técnicas de cirurgia plástica têm uma relação íntima com o surgimento do paradigma de um corpo *pós-orgânico*. A partir do momento em que a tecnologia nos permite colocar partes no nosso corpo que são feitos de materiais inorgânicos, e ao colocar poder tirá-las a bel prazer, basta que pra isso uma nova moda me constranja a tal, começamos a falar na construção de um corpo pós-orgânico. Corpo esse só permitido primeiramente pela técnica e segundo pela revolução valorativa que a técnica engendra. Pois bem, esse desenvolvimento técnico do século XX, que permitiu revolucionar a nossa percepção do corpo, já é captado pela ficção científica através de livros e filmes que mostram as implicações desse “novo” corpo agora potencializado pela técnica. Não só a ficção, mas também a literatura científica como um todo já começa a tratar do assunto, principalmente a literatura sociológica e a jurisprudência, que começam por redimensionar questões éticas, políticas e jurídicas referentes aos usos e “abusos” que a técnica permite ao corpo. Prolongar a vida, por exemplo, no caso de pacientes terminais. Mas a pergunta é imperativa. O que é saúde e até onde vai a vida? Se a partir do momento em que o corpo para de respirar uma máquina ajuda e em certos casos substitui a respiração natural por uma ventilação artificial. Se o corpo não tem mais condições de se manter de uma forma natural e autônoma vivo, as máquinas e drogas ajudam a manter as funções vitais. Nesses casos o ser se encontra vivo ou morto? As perguntas são um expoente das discussões éticas referentes ao prolongamento da vida com auxílio das máquinas de prolongamento; prolongamento esse permitido somente com auxílio da técnica. E as manipulações genéticas? E as experiências com embriões? E essas experiências, são legais ou ilegais? Ora, este não é o assunto tratado nesse artigo, mas ilustra bem as implicações éticas e jurídicas que a técnica impõe. Corpo esse, agora, tratado como *pós-orgânico*.

O mito do ciborgue de Dona Haraway<sup>1</sup> é um exemplo de como a literatura sociológica está tratando do tema. No mito de Haraway o ciborgue é um ser híbrido entre homem e máquina, e por isso é um ser totalmente revolucionário. A relação de gênero é desconstruída agora em favor de uma relação, podemos cunhar a expressão, *pós-gênero*, já que as diferenciações orgânicas e históricas que levam ao domínio total do gênero masculino sobre o feminino num discurso quase que naturalizante da superioridade do homem sobre a mulher são desconstruídas pela “simples” hibridização do corpo orgânico. Essa “simples” hibridização do corpo orgânico permite a desconstrução das diferenciações de gênero pela diferença orgânica, permite o redimensionamento da categoria mulher, ajuda a reconstrução de uma prática política totalmente nova, questionadora dos valores até então hegemônicos, patriarcais e machistas. Desconstrução e reconstrução de identidades feministas não mais por uma questão de natureza, mas agora por uma questão de afinidade.

O redimensionamento da categoria corpo leva a mudanças leves, sutis, mas bastante profundas no cotidiano das pessoas que são surpreendidas a cada nova descoberta e a cada nova barreira transposta em matéria de instrumentalização do corpo. Esse processo ou projeto científico, em que a instrumentalização ou racionalização de setores que antes só estavam ligados à administração do mercado, agora é estendido ao mais íntimo de nossa individualidade, a saber, nosso corpo, células e genes apropriados pela ciência e pelo capital em nome de um paradigma evolucionista. Todo esse movimento de investigação científica dentro do nosso corpo (células, cromossomos e genes) demonstra essa nova forma moderna de lidar, representar e se apropriar do corpo. Só o fato de se cogitar, e de se visualizar isso num futuro próximo, gerar filhos fora do útero de uma mulher, pois o limite uterino impede fisicamente que a cabeça do

---

<sup>1</sup> Em relação ao mito do ciborgue e todas as suas implicações, ver *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX*, In: *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

bebê seja maior, comportando, assim, um cérebro maior, é elucidativo de como a nossa sociedade está tratando de representar o corpo<sup>2</sup> como mais um objeto possível de potencialização e remendos técnicos. O termo *upgrade*, antes restrito a discussões de software, começar a aparecer como uma coisa passível de acontecer ao corpo humano. Não passamos mais a remedar possíveis acidentes e doenças que acontecem durante a vida de uma pessoa, como a perda de um membro e a implantação de prótese. Questiona-se agora a brevidade da vida e os limites do corpo a partir de seus defeitos genéticos e orgânicos e procura-se pesquisar formas de intervenção técnica de modo que se venha a corrigir determinadas falhas inerentes a um ser orgânico. A sensação é de vertigem.

A construção ou a reconstrução da categoria corpo na atualidade passa inevitavelmente pela técnica. Os vários e impressionantes avanços bio-tecnológicos alcançados por essa sociedade têm implicações profundas na forma como as pessoas constroem suas identidades e individualidades. Então, analisar todo esse processo tecnológico que migra para dentro do nosso corpo e que tem implicações profundas nas nossas vidas é tentar entender e buscar ser um agente ativo em todo esse processo.

## Referências

- FOCAULT, Michel. 1979. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- HARAWAY, Donna & KUNZRA, Hari. 2000. *Antropologia do Ciborgue. As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica.
- HAWKING, Stephen. 2001. *O universo numa casca de noz*. São Paulo: Arx.
- LE BRETON, David. 1995. *Antropologia del cuerpo y mordernidad*. Buenos Aires: Nueva Vision.

---

<sup>2</sup> Ver Stephen Hawking: *O universo numa casca de noz*. São Paulo: Arx, 2001. Onde encontramos mais previsões a respeito da revolução que a técnica permite ou pelo menos permitirá nos causando espanto quem ler.

Magno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 1995. Difusão Cultural do Livro.  
RODRIGUES, José Carlos. 1979. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé.  
SIBILIA, Paula. 2002. *O homem pós-orgânico – corpo, subjetividade, e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumara.